

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde
Curso de Psicologia

SOFIA HAMOUI

O PROCESSO DE LUTO SOB A ÓTICA DA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO:
uma revisão da literatura

SÃO PAULO

2022

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

**Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde
Curso de Psicologia**

**O PROCESSO DE LUTO SOB A ÓTICA DA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO:
uma revisão da literatura**

SOFIA HAMOUI

Trabalho apresentado a Pontifícia
Universidade Católica de São Paulo, para
obtenção do título de Graduação em
Psicologia, sob a orientação do Prof.
Daniel de Moraes Caro.

SÃO PAULO

2022

7.07.00.00-1 – Psicologia

SOFIA HAMOUI. O Processo de Luto sob a Ótica da Análise do Comportamento: uma revisão da literatura. 2022

Orientador: Prof. Daniel de Moraes Caro

Autora: Sofia Hamoui

RESUMO

O trabalho pretende, a partir do referencial teórico da Análise do Comportamento (AC), compreender o processo do luto e suas implicações, tanto em questões conceituais e discussões atuais sobre o luto, como nas intervenções terapêuticas utilizadas por analistas do comportamento que lidam com essa temática. Trata-se de uma pesquisa de revisão bibliográfica, que pretende servir de mais uma fonte de informações e dados para os terapeutas e pesquisadores da área. Para isso, foi realizado uma seleção de artigos em bases de dados digitais e revistas brasileiras de AC, buscando identificar e analisar as informações encontradas sobre a temática em 11 artigos que se enquadraram nos critérios de inclusão. Foi então realizada uma análise comparativa com a obra “Luto no século 21”. Em conclusão, apesar de ainda se encontrar lacunas a serem preenchidas, fica evidente que a AC vem se propondo a discutir mais a temática, demonstrando-se compatível para a compreensão do luto e para o acompanhamento de enlutados, contribuindo com a comunidade verbal e instrumentalizando terapeutas a lidarem com o luto.

Palavras-chave: 1. Luto. 2. Morte. 3. Análise do Comportamento.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	REFERENCIAL TEÓRICO	10
2.1	LUTO.....	10
2.2	TIPOS DE LUTO	12
2.2.1	LUTO COMPLICADO OU DESORDEM DO LUTO COMPLEXO PERSISTENTE.....	13
2.2.2	LUTO ANTECIPATÓRIO	15
2.2.3	LUTO NÃO RECONHECIDO	16
2.3	FATORES DE RISCO	17
2.4	INTERVENÇÕES	19
2.4.1	<i>Complicated Grief Therapy</i>	19
2.4.2	Cuidados Paliativos	20
2.5	ANÁLISE DO COMPORTAMENTO.....	21
3	OBJETIVOS	23
3.1	OBJETIVO GERAL.....	23
3.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	23
4	MÉTODO.....	24
4.1	PROCEDIMENTO DE BUSCA DE ARTIGOS	24
4.2	CRITÉRIOS DE INCLUSÃO	24
4.3	CRITÉRIOS DE EXCLUSÃO.....	25
4.4	PRINCIPAIS DISCUSSÕES.....	25
4.5	ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO.....	25
5	RESULTADOS	26
6	DISCUSSÃO	ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.
6.1	O PROCESSO DE LUTO SOB A PERSPECTIVA DA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO: ASPECTOS DEFINIDORES	29
6.2	INTERVENÇÕES TERAPÊUTICAS.....	33
6.3	O PROCESSO DE LUTO NA INFÂNCIA	38
6.4	LUTO EM CONTEXTOS PANDÊMICOS.....	40
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	45

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1. DIAGRAMA DE FLUXO PRISMA	26
--	----

LISTA DE TABELAS

TABELA 1. INFORMAÇÕES DOS ARTIGOS SELECIONADOS PARA A REVISÃO.....	27
TABELA 2. FASES DA EXTINÇÃO OPERANTE CORRESPONDENTES AS FASES DO LUTO	33

AGRADECIMENTOS

Agradeço os meus pais e familiares por proporcionarem a oportunidade de estar cursando psicologia e por estarem sempre ao meu lado!

A todos os meus professores que contribuíram para a minha formação.

Aos meus amigos e colegas que trilharam essa jornada de 5 anos de PUC ao meu lado.

E deixo meu agradecimento especial ao meu orientador por todo incentivo e dedicação ao meu projeto de pesquisa. Sou grata pela confiança depositada e pela paciência em construir esse projeto comigo.

1 INTRODUÇÃO

A Psicologia Comportamental estuda a interação entre o organismo e seu ambiente, em qualquer fase do desenvolvimento, desde o nascimento até a morte. Durante as diferentes fases da vida, é notório que os organismos relacionam entre si, formando vínculos e relações com outros da mesma espécie.

Em algum momento da vida, por diferentes causas e motivações, estes vínculos poderão ser rompidos, seja por um final de um relacionamento amoroso, uma mudança de estado ou país, um fim de um ciclo, perda de um emprego ou a morte de um ente querido. Nesse sentido, naturalmente, os organismos estão expostos a situações de perdas, que podem envolver um processo de luto.

Há já várias décadas que o processo do luto vem sendo estudado, e entre os principais autores que abordam tal temática, estão Freud, Parkes, Worden e Stroebe e Shut. Segundo a Dra. Maria Helena Pereira Franco, Cofundadora do Instituto 4 Estações de Psicologia, nos últimos anos muito se tem escrito sobre luto no Brasil. A temática vem merecendo destaque e estudos cautelosos, tanto sobre questões conceituais como sobre aplicações terapêuticas e sua eficácia, tendo em vista que todas as pessoas lidarão com a perda de algo ou alguém significativo em algum momento da vida, além de ser um assunto constante em consultórios de psicoterapia.

Sendo assim, o profissional da área da saúde que deseja trabalhar com pessoas, inevitavelmente, entrará em contato com histórias de vida que transpassam por momentos de perdas e lutos. Torna-se inegável a importância de se estudar e pesquisar o assunto em busca de encontrar maneiras de fortalecer e melhorar a qualidade de vida dos clientes enlutados.

Além disso, o estudo do processo do luto também têm seus impulsos no campo pessoal. O luto sempre se fez presente em minha vida e tive algumas oportunidades de aprender a partir da perda. Movida pela curiosidade e situações que enfrentei durante a adolescência, essa temática revelou-se interessante como um tema de pesquisa de TCC.

Após a decisão do tema central da pesquisa, foi realizada uma investigação exploratória com a finalidade de aprofundar nos conteúdos sobre o luto já disponíveis em plataformas online e principais revistas brasileiras da Análise do Comportamento.

No entanto, dentre os autores da Análise do Comportamento, pouco foi encontrado sobre os comportamentos diante de perdas tão significativas.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 LUTO

O luto é definido como um conjunto de reações a uma perda significativa, voltadas à adaptação à nova realidade com que o enlutado se depara. O luto nem sempre está relacionado à morte, também pode estar relacionado a outros termos e perdas em diferentes situações. Todos esses contextos têm, na quebra de vínculo, um processo de luto diferente (KOVÁCS, 1998).

A dor da perda é uma resposta natural do indivíduo. É um momento estressante, que a pessoa irá sentir a necessidade de adaptar as suas concepções e reorganizar a rotina de vida, buscando outras fontes de reforçadores para lidar com aquela perda. Cada sujeito irá elaborar essa vivência de modo singular, sendo influenciado pelos aspectos filogenéticos, ontogenéticos e culturais. Ao vivenciar diferentes lutos, uma mesma pessoa pode reagir de forma única a cada um dos processos. O tempo de duração e intensidade podem variar de acordo com experiências prévias, personalidade da pessoa, idade e saúde mental, identificação com a cultura e espiritualidade, recursos, número de perdas, relação com o falecido, grau de parentesco e o contexto da perda (ZISOOK; SHEAR, 2009).

No manual de Diagnósticos e Estatísticas da Associação Americana de Psiquiatria (DSM), o luto não complicado foi classificado no capítulo “Outras Condições que Podem ser Foco de Atenção Clínica”. As condições listadas neste capítulo não são consideradas transtornos mentais, de modo que foram incluídas somente com a finalidade de atrair atenção a essas questões encontradas na prática clínica de rotina, além de construir uma lista sistemática que pode ser útil para os clínicos, já que reconhecer e compreender os sentimentos e os sintomas de um processo de enlutamento pode ser um trabalho complexo. De acordo com Rando (1993), há consequências graves caso não se cuide das pessoas que apresentam riscos para processos de luto complicados, por isso, compreende-se como necessário identificar e diferenciar os diferentes tipos de luto, assim como ter um olhar sensível para a forma como o processo está sendo enfrentado.

Ao longo das décadas, muitos autores dedicaram estudos para explicar esse processo desafiador que a maioria das pessoas enfrentarão ao longo da vida. Foram desenvolvidos diversos modelos que buscam descrever o processo de luto, tais como: Os 5 Estágios do Luto, o Modelo Dual do Luto e Modelo de Worden.

Elisabeth Kubler Ross (1926-2004), dedicou a sua carreira a estudar as reações emocionais de pacientes terminais, especialmente de câncer e aids. No seu livro *“Sobre a Morte e o Morrer”*, publicado em 2002, a partir de entrevistas com pacientes e familiares, a autora descreveu os cinco estágios do luto, conhecidos como: 1) Negação, 2) Raiva, 3) Barganha, 4) Depressão, 5) Aceitação. Não há uma ordem necessária para a ocorrência das manifestações de cada uma das fases, nem um tempo pré-determinado destas, podendo até mesmo acontecer mais de uma vez a vivência de uma fase ou a ausência de alguma delas.

A primeira fase é como uma defesa psíquica temporária, que faz com que o indivíduo negue a perda, postergando um enfrentamento doloroso. A Raiva é a fase na qual surgem sentimento de indignação e revolta; o sujeito sente-se injustiçado e se torna mais difícil lidar com ele. Já a Barganha é uma fase de negociação, em que o indivíduo pode sentir-se culpado e começar a fazer ou cumprir promessas. Na fase da Depressão, o indivíduo retira-se para o seu mundo interno; é uma etapa mais melancólica, na qual pode surgir uma sensação de impotência e muita tristeza. Por fim, a Aceitação é a fase em que se começa a aceitar o destino, a enxergar e encarar a realidade para conseguir enfrentar a perda. Entende-se que os 5 estágios são necessários para o enlutado compreender a magnitude de sua perda, expressar-se e, enfim, aceitar conviver pacificamente com a perda.

Já Stroebe e Schut (1999) desenvolveram uma teoria baseada na noção de um processo dinâmico no confronto à morte, desenvolvendo o Modelo Dual do Luto. Segundo essa teoria, o enlutado oscila entre a orientação para a perda, que é a dor de enfrentar o luto e a orientação para restaurar a sua vida, evitando os seus sentimentos e recordações. O processo é caracterizado por essa alternância, podendo até ocorrer ambos simultaneamente, em diferentes aspectos. Tal oscilação permite que o vínculo rompido seja visitado e ressignificado ao longo da vida do enlutado. Para os autores, o luto será considerado saudável se a pessoa não bloquear uma das orientações. A Dra. Maria Helena Pereira Franco destaca, ainda, que este modelo permite o enlutado a trilhar o seu processo, sem se prender a um percurso de estágios esperados pela comunidade.

Para cumprir a função de adaptação e restabelecer o equilíbrio desfeito depois da perda, Worden (2002) sugere que o enlutado deve conseguir realizar as seguintes tarefas durante o processo de luto: I) aceitar a realidade da morte, sendo capaz de enfrentar atividades e a temática da morte; II) expressar a dor da perda, evocando

memórias do falecido, conseguindo utilizar técnicas criativas e não se esquivar excessivamente do assunto; III) conseguir se adaptar a ausência do falecido; IV) Estabelecer uma boa relação com as memórias do falecido e encontrar formas de simbolizar e manter a relação com o ente querido, mas conseguir seguir a vida, investindo em novos relacionamentos e atividades cotidianas. Dessa forma, aos poucos, o enlutado vai se ajustando a essa nova realidade e reorganizando sua vida, atividades e estado emocional. Para o autor, o processo do luto finaliza quando o indivíduo consegue percorrer e cumprir tais tarefas, encontrando formas de reinvestir, estabelecer novos objetivos e relações. Essa teoria, permite um processo de elaboração do luto com o protagonismo do paciente.

Existem diversos modelos que explicam o processo e a funcionalidade do luto de outras formas. Cada abordagem e fundamento teórico deve ser melhor aprofundado pelos profissionais que lidam com o fenômeno. Ressalta-se que as teorias mudam em resposta a compreensão dos fenômenos e diante de novos olhares epistemológicos. O importante é compreender que o luto é um processo inevitável, dinâmico e singular, voltado a uma adaptação à nova realidade.

Embora o luto seja uma experiência única para cada indivíduo, são apresentados alguns sintomas e emoções similares entre indivíduos ou grupos. Algumas manifestações possuem base comum, possibilitando identificação e um melhor manejo a partir do que é apresentado. Segundo Prigerson (2008), entre 80 e 90% dos enlutados conseguem superar os sentimentos dolorosos e perturbadores e, gradualmente, aceitar a perda. No entanto, para uma pequena parcela da população, o luto torna-se uma questão séria de saúde. Para estes indivíduos, a dor irá persistir e não se desenvolverá de forma adaptativa, podendo ser entendida como uma desordem mental complexa. Justifica-se, portanto, que sejam identificados esses casos, para possibilitar uma melhor intervenção terapêutica.

2.2 TIPOS DE LUTO

Atualmente se fala em diferentes tipos de luto que provocam comportamentos diversos nas pessoas que estão passando por tais situações. Compreender o contexto que se dá a perda, pode facilitar a adaptação e elaboração do processo de luto. Assim como pode se tornar uma ferramenta para entender os diferentes termos e processos

de luto que um indivíduo ou uma comunidade está vivenciando. Nesta pesquisa, serão abordados os tipos de luto estudados nos artigos selecionados para a revisão bibliográfica.

2.2.1 LUTO COMPLICADO OU DESORDEM DO LUTO COMPLEXO PERSISTENTE

O luto complicado pode manifestar-se de diversas formas e ser categorizado de maneiras diferentes por cada autor. Nas bibliografias encontradas, são utilizados os termos luto complicado, luto traumático, luto anormal e transtorno do Luto Complexo Persistente, sendo este último proposto pelo DSM-V (MANFRINATO, 2011).

Na terceira edição do Manual de Diagnósticos e Estatísticas da Associação Americana de Psiquiatria (DSM), foi inserido o conceito de luto anormal, assim como um critério de exclusão do luto na categoria de Transtornos Depressivos. Posteriormente, na quinta edição do manual, foi feita uma classificação racionalizada dos transtornos depressivos, incluindo notas para diferenciar o luto dos transtornos depressivos maiores, possibilitando uma melhor orientação clínica do que a fornecida anteriormente, apenas por meio do critério de exclusão.

Ao diferenciar luto de um episódio depressivo maior (EDM), é útil considerar que, no luto, o afeto predominante inclui sentimentos de vazio e perda, enquanto no EDM há humor deprimido persistente e incapacidade de antecipar felicidade ou prazer. A disforia no luto pode diminuir de intensidade ao longo de dias a semanas, ocorrendo em ondas, conhecidas como “dores do luto”. Essas ondas tendem a estar associadas a pensamentos ou lembranças do falecido. O humor deprimido de um EDM é mais persistente e não está ligado a pensamentos ou preocupações específicos. A dor do luto pode vir acompanhada de emoções e humor positivos que não são característicos da infelicidade e angústia generalizadas de um EDM. O conteúdo do pensamento associado ao luto geralmente apresenta preocupação com pensamentos e lembranças do falecido, em vez das ruminações autocríticas ou pessimistas encontradas no EDM. No luto, a autoestima costuma estar preservada, ao passo que no EDM sentimentos de desvalia e aversão a si mesmo são comuns. Se presente no luto, a ideação autodepreciativa tipicamente envolve a percepção de falhas em relação ao falecido (p. ex., não ter feito visitas com frequência suficiente, não dizer ao falecido o quanto o amava). Se um indivíduo enlutado pensa em morte e em morrer, tais pensamentos costumam ter o foco no falecido e possivelmente em “se unir” a ele, enquanto no EDM esses pensamentos têm o foco em acabar com a própria vida em razão dos sentimentos de desvalia, de não merecer estar vivo ou da incapacidade de enfrentar a dor da depressão. (DSM-V, 2013, p.126 , grifo do autor).

No capítulo "Condições para Estudos Posteriores" do referido Manual, foram apresentados conjuntos de critérios sobre os quais são encorajadas pesquisas futuras e que ainda não são reconhecidas oficialmente, ou seja, não se destinam ao uso clínico. Dentre eles, estão os critérios propostos sobre o Transtorno do Luto Complexo e Persistente.

A. O indivíduo experimentou a morte de alguém com quem tinha um relacionamento próximo.

B. Desde a morte, ao menos um dos seguintes sintomas é experimentado em um grau clinicamente significativo na maioria dos dias e persistiu por pelo menos 12 meses após a morte no caso de adultos enlutados e seis meses no caso de crianças enlutadas: 1. Saudade persistente do falecido. Em crianças pequenas, a saudade pode ser expressa em brincadeiras e no comportamento, incluindo comportamentos que refletem ser separado de e também voltar a unir-se a um cuidador ou outra figura de apego. 2. Intenso pesar e dor emocional em resposta à morte. 3. Preocupação com o falecido. 4. Preocupação com as circunstâncias da morte. Em crianças, essa preocupação com o falecido pode ser expressa por meio dos temas de brincadeiras e comportamento e pode se estender à preocupação com a possível morte de outras pessoas próximas a elas.

C. Desde a morte, ao menos seis dos seguintes sintomas são experimentados em um grau clinicamente significativo na maioria dos dias e persistiram por pelo menos 12 meses após a morte, no caso de adultos enlutados, e seis meses no caso de crianças enlutadas [...]. (DSM-V, p.789-791, 2013)

Ainda segundo o Manual, o Transtorno do Luto Complexo e Persistente é diagnosticado somente se ao menos 06 sintomas clinicamente significativos forem identificados. Dentre eles: uma marcada dificuldade em aceitar a morte, experimentar entorpecimento emocional quanto à perda, dificuldades de memórias positivas do falecido, amargura ou raiva relacionada à perda, avaliações desadaptativas sobre si mesmo (como autoacusação), evitação excessiva de lembranças da perda, desejo de morrer, a fim de estar com o falecido, dificuldade em confiar no outro, sentir-se isolado dos outros indivíduos desde a morte, sentir que a vida não têm mais sentido ou é vazia sem o falecido, confusão quanto ao próprio papel na vida ou senso diminuído da identidade e, por fim, dificuldade ou relutância em buscar interesses desde a perda ou em planejar o futuro. Ademais, alguns indivíduos podem experimentar alucinações (auditivas ou visuais) com o falecido, em que temporariamente percebem sua presença, além de poderem apresentar queixas somáticas.

Frequentemente, o diagnóstico é confundido com o de Luto Normal, processo de adaptação pelo qual todos passam diante de uma perda; distinguem-se os dois pela duração e intensidade de reações graves após a morte da pessoa (JACOBSEN et al., 2010). Por vezes, também se confunde com transtornos depressivos, já que

ambos compartilham dos sintomas de tristeza, choro, humor deprimido e pensamento suicida. Suas características diagnósticas podem ser diferenciadas por critérios do DSM, auxiliando a realização de um diagnóstico correto (ZISOOK; SHEAR, 2009).

O DSM-IV (2013) traz, ainda, informações adicionais acerca desse transtorno: seu diagnóstico requer sofrimento clinicamente significativo ou prejuízo no funcionamento psicossocial; frequentemente, indivíduos diagnosticados relataram ideação suicida; e sua prevalência é de 2,4 a 4,8% da população mundial, sendo mais recorrente em indivíduos do sexo feminino do que do sexo masculino.

Para Boelen e Prigerson (2007), a classificação do Transtorno de Luto Prolongado é essencial para identificar enlutados em risco que passariam despercebidos se o foco fosse encontrar apenas sintomas de ansiedade e depressão. De acordo com Coelho e Barbosa (2011) e Delalibera et al. (2012), o diagnóstico para esses indivíduos é de suma importância, já que estes são mais propensos ao risco de consumo de álcool e tabaco, a distúrbio do sono, incapacidades funcionais, hipertensão, incidência de câncer, redução da qualidade de vida, doenças cardíacas, maior número de hospitalizações e elevados níveis de ideação suicida (FRANCO, 2021). Assim, identificar e classificá-los possibilita que sejam oferecidos tratamentos e prevenções específicos, baseados em pesquisas e resultados científicos.

2.2.2 LUTO ANTECIPATÓRIO

Em 1944, o termo de luto antecipatório foi utilizado pela primeira vez por Erich Lindemann, em seu artigo "*The Symptomatology and Management of Acute Grief*". Foi definido como um fenômeno de pesar pela experiência de separação em contextos que existem ameaças de morte. O autor estudou este tipo de luto a partir da separação física das esposas dos soldados em épocas de guerra, que passaram a vivenciar as reações do luto antecipadamente.

Para ele, o luto antecipatório não era uma desordem psiquiátrica ou médica, mas uma reação normal a uma situação de muito estresse e que deveria ser mais estudada por ter reações psicogênicas e psicossomáticas relevantes. O artigo aponta que esse luto pode aparecer logo após uma crise, depois de um certo tempo da separação, pode ter reações exageradas ou aparentemente inexistentes. Por fim,

o autor afirma que com o uso de técnicas específicas podem ajudar a transformar esse luto em um luto com reações mais normais (LINDEMANN, 1944).

Fundamentado nesses primeiros estudos, outros autores começam a estudar este fenômeno com familiares de pessoas com doenças crônicas ou terminais, de forma que esses indivíduos, também, acabam se deparando com uma situação de muito estresse e que se aproxima de uma situação de morte física. Então, em 1980,

Fulton e Gottesman (1980, apud Fonseca, 2001) definem luto antecipatório como:

Um conjunto de mecanismos de enfrentamento utilizados pelos familiares e pelo paciente frente à possibilidade de uma perda antecipada, tais como reações de choque, negação, sentimentos de desvalor, preocupação com o passado, ansiedade pela separação, sintomas somáticos, culpa, esperança e aceitação. Para eles, o luto antecipatório está sujeito a fatores psicológicos, interpessoais e socioculturais (FULTON; GOTTESMAN, 1980, apud FONSECA, 2001,p.49).

Após receber o diagnóstico de uma doença crônica ou terminal, os familiares e o paciente enfrentam essa experiência de forma semelhante à de um luto de uma morte concreta. Estes se diferenciam apenas em razão de dois fatores: primeiramente, o fato dessa perda ser mais lenta e gradual e, o segundo, é que o indivíduo pelo qual os familiares estão enlutados ainda se encontra vivo (SANTOS et al, 2017). A funcionalidade de ambos é fazer um reajustamento da situação, encontrando formas de enfrentar a situação. De acordo com Connor (2000), quando a pessoa doente se encontra em um contexto no qual a cura não é mais uma possibilidade, ela passa a ressignificar e desenvolver novas perspectivas a partir das limitações de sua realidade. De tal modo que, o paciente consiga ao menos aceitar e alterar a forma que irá lidar com a sua situação.

Muitos pacientes e familiares, acabam não conseguindo enfrentar o luto antecipado por negarem a doença. O autor Fonseca (2001), acredita que tal quadro pode desencadear complicações durante o processo de luto após a morte do familiar. É notável a importância de que esse luto seja reconhecido e vivido, possibilitando uma elaboração mais saudável da perda.

2.2.3 LUTO NÃO RECONHECIDO

O luto não reconhecido ocorre quando a perda não é validada ou é ignorada pela comunidade na qual o sujeito vive. A morte é, muitas vezes, vista como irrelevante e não legitimada até mesmo pelos próprios enlutados. A perda de um animal, uma gravidez interrompida ou o luto de um profissional da área da saúde, são alguns exemplos que se referem a essas perdas que acabam por não ter espaço de elaboração.

Estes indivíduos acabam não sendo acolhidos pela sociedade, não havendo espaço e suporte social, como, por exemplo, cerimônias de despedidas ou o direito de se afastar do exercício de suas funções no trabalho (Licença óbito). Segundo Doka (2002), tais indivíduos são isolados diante de um silêncio em resposta a sua dor.

Attig (2004), destaca que tal negligência deriva de um fracasso social de empatia e política, envolvendo abuso de poder, que acaba por não permitir o indivíduo a enlutar-se da forma e no momento que escolher. O autor afirma ainda que a falta de reconhecimento é destrutiva por deslegitimar a dor e sofrimento do enlutado, acabando por desprezar e invalidá-los.

2.3 FATORES DE RISCO

A identificação de grupos mais vulneráveis a uma complicação no processo de luto permite um melhor desenvolvimento de intervenções preventivas durante o processo de luto. Bowlby (apud Lucena, 2017), enumerou alguns fatores que afetam o curso do luto: I) identidade e papel da pessoa perdida; II) idade e sexo da pessoa enlutada; III) causas e circunstâncias da morte; IV) circunstâncias sociais e psicológicas que afeta a pessoa enlutada na época e depois da perda; V) personalidade do enlutado (principalmente voltada ao comportamento de vinculação e a forma como reage a situações estressantes). No entanto, para o autor, existe uma dificuldade em identificar tais variáveis de forma isolada, já que tendem a se manifestar de forma combinada.

Posteriormente, Rando (1993) elenca e acrescenta alguns outros fatores que também contribuem para um possível desenvolvimento do luto complicado, sendo eles as circunstâncias da morte (violenta, ao acaso, envolvendo mutilação, período de doença prévia, envolvendo crianças, repentina ou traumática), bem como variáveis que podem estar ligadas à morte, como o relacionamento que o enlutado tinha com

quem morreu, relação com perdas anteriores, rede social e histórico de doenças mentais.

Na dissertação de mestrado desenvolvida por Mayra Armani Delalibera, foi realizada uma revisão teórica e análise dos fatores de risco empiricamente validados, destacando os seguintes fatores de risco: I) relacionais: relação com o falecido, o tipo de parentesco, o apego, o envolvimento e a intensidade de ambivalência, experiências na infância de vinculação insegura, pais instáveis ou superprotetores, experiência de perdas precoces e significativas; II) Circunstâncias da morte: morte prematura, súbita, violenta, estigmatizantes, suicídios, perdas múltiplas, mortes que gera culpa, dificuldades diagnósticas, falta de controle dos sintomas, processo de doença muito longo; III) Fatores Pessoais: antecedentes psicopatológicos, tentativas prévias de suicídio, idade, gênero, sentimento de culpa, baixa tolerância ao estresse, baixa autoestima, expressão reduzida de sentimentos, reações intensas de amargura e raiva, lutos anteriores não resolvidos; IV) fatores Sociais: baixo status socioeconômico, falta de apoio sociofamiliar, isolamento social, crises familiares não resolvidas, fatores culturais e religiosos.

A autora defende que tais fatores de risco devem ser identificados nos momentos iniciais da perda, podendo desenvolver intervenções mais especializadas e preventivas para os indivíduos que estão lidando com o processo de luto. Dessa forma, os profissionais da saúde conseguem planejar e implementar serviços de apoio, determinando o nível de intervenção terapêutica que será necessário para cada um dos casos.

2.4 INTERVENÇÕES

Muitas são as possibilidades de intervenção com pessoas enlutadas, seja por meio da psicoterapia nos moldes tradicionais ou intervenções de outra ordem, como: cuidados paliativos ou terapias especializadas no processo de luto (PRIGERSON et al, 2005).

De acordo com estudos comparativos entre grupos de pacientes enlutados, aqueles que buscaram por terapia especializada na temática do luto obtiveram resultados melhores e em menos tempo, quando comparado com o grupo de pacientes que estiveram em psicoterapia não especializada (WAGNER et al, 2006). As terapias interventivas que vem se destacando são as que aplicam a fundamentação teórica da Teoria do Apego, da Terapia Cognitiva e da Construção de Significados (FRANCO, 2019).

Foram selecionadas duas intervenções bastante estudadas que não contradizem com os estudos da Análise do Comportamento:

2.4.1 *Complicated Grief Therapy*

Mais conhecida como CGT é o tratamento terapêutico especializado no processo de luto que mais foi testado até o momento (IGLEWICZ et al 2019). É baseado na premissa de que o luto surge naturalmente após uma perda e encontra um lugar à medida que o indivíduo vai se adaptando a essa nova realidade após a perda. O CGT é projetado para remover aquilo que impede uma adaptação saudável e natural frente à perda de um ente querido. O foco desse tratamento é que o cliente aceite a realidade da perda e entenda que é natural os sentimentos de estresse e luto. Também requer que o indivíduo comece a estabelecer novos sentidos, autonomia, competências e relacionamentos neste novo cenário.

O tratamento envolve a discussão de sete etapas principais em busca de alcançar os objetivos: I) informações para ajudar os clientes a compreender e aceitar o luto; II) Gerenciar a dor emocional e monitorar os sintomas; III) Pensar no futuro; IV) Reconectar com os outros; V) Contar a história da morte; VI) Aprender a viver com as lembranças daquele que não está mais presente fisicamente; VII) Conectar-se com as memórias e histórias do falecido. Para isso, os terapeutas precisam ter uma escuta

empática e sensível, instrumentalizando o cliente a lidar com as situações. Os resultados mostram que a CGT é mais eficaz que os demais tratamentos para a depressão (M.K. SHEAR et al., 2016) e que este trabalho pode ser bastante benéfico para os indivíduos que estão enfrentando lutos complicados, que se sentem isolados ou sem esperança.

2.4.2 Cuidados Paliativos

Os cuidados paliativos também têm se mostrado relevantes nas intervenções no período do luto antecipatório. O luto antecipatório é a percepção de uma realidade de perda, antes mesmo dela ocorrer. Pode ser entendido como um processo de construção de significado, possibilitando uma elaboração do luto a partir do diagnóstico do adoecimento do ente querido. Este trabalho auxilia os pacientes a terem uma melhor aceitação da morte, assim como uma oportunidade para se despedir do familiar, resolver questões pendentes e dar mais amparo para as respostas e sentimentos a perda (FONSECA et al, 2004).

O método do cuidado paliativo não leva em conta as fases previstas para o processo de luto, embora continue sendo um processo, é estudado e vivido como uma experiência individual e única. Estes cuidados possibilitam revisões na identidade, nas relações sociais, nas relações com o morto e no sistema de crenças (NEIMEYER, 2001). Para isso, busca-se que, através de questionamentos, referências, comparações, caracterizações e discordâncias, cada membro da família consiga construir o significado da representação daquela morte. A Dra. Maria Helena Pereira Franco, em seu artigo sobre os Cuidados Paliativos (2010), destaca alguns dos significados identificados, como: a morte pode ser entendida como um teste, modelo para outros, veio para unir a família, teve causa genética (a família entende-se impotente diante do fato), o morto não está em lugar algum ou está no céu, cuidando dos outros e o morto queria morrer.

2.5 ANÁLISE DO COMPORTAMENTO

A Análise do Comportamento (AC) é uma ciência que se atenta a estudar o comportamento humano, embasada pela filosofia do Behaviorismo Radical. A abordagem apresenta uma visão de homem interacionista: “Os homens agem sobre o mundo, modificam-no e, por sua vez, são modificados pelas consequências de sua ação” (SKINNER, 1953, p.15).

Define-se comportamento como a relação entre eventos ambientais (estímulos) e as respostas do organismo, podendo ser manifestas ou encobertas. A análise da relação entre organismo e ambiente é especificada através de contingências que, segundo Skinner (1953), dita a organização da relação entre os eventos ambientais e os eventos comportamentais funcionalmente relacionados a esses eventos, possibilitando uma compreensão do comportamento do organismo.

A AC tem suas raízes na pesquisa experimental e se ocupa em investigar qualquer forma de se comportar. Entende-se que todo comportamento tem uma função, alguma condição que o mantém acontecendo em determinadas situações e contextos. A função pode ser nitidamente identificada, ou precisar de uma análise aplicada para compreender o que está mantendo aquele comportamento. Para tal, é preciso fazer uma análise da história do sujeito que se comporta, através dos três níveis de seleção: filogenético, ontogenético e cultural (MARTIN; PEAR, 2013). Os três níveis operam conjuntamente na determinação do comportamento. O nível filogenético a história da seleção da espécie. O nível ontogenético abrange tudo aquilo que é adquirido pela história e pela vivência do indivíduo em questão. Já o nível cultural é restrito apenas à espécie humana, operando a partir do controle por regras, estímulos verbais e simbólicos, que são transmitidos e acumulados, ao longo de gerações, por meio da linguagem. Sendo assim, todos os comportamentos são funcionais e estão sendo influenciados por estes níveis (SKINNER, 1953).

Segundo Skinner (1953, p.29), "é essencial identificar as variáveis responsáveis pela instalação e manutenção de um certo comportamento, para então poder controlá-lo". Esta investigação, chamada de Análise Funcional, permite que os comportamentos possam ser previstos e controlados. Na terapia comportamental, tal identificação tem sido apontada como um fundamento para avaliação clínica e planejamento da intervenção.

Quando um sujeito apresenta excesso ou déficit de determinado comportamento, que produz um sofrimento ao indivíduo ou à sociedade, considera-se, leigamente, que há uma psicopatologia (FERSTER, 1973). Nestes casos, a análise funcional ocupa lugar de destaque e torna-se ainda mais necessária para uma melhor compreensão destes comportamentos e para planejar uma possível manutenção de repertório.

A análise do comportamento sustenta, portanto, um modelo de seleção por consequências, associando-se a uma noção selecionista. Prezando por interpretar e investigar qualquer comportamento que está sob controle do ambiente atual e passado do indivíduo, inclusive aqueles relacionados a perda e a morte.

Tendo em vista a dificuldade de localizar artigos da Análise do Comportamento que abordassem sobre o processo de Luto, o objetivo deste trabalho foi de realizar um estudo, buscando compreender o processo sob a ótica da Análise do Comportamento, com base em um método de revisão de literatura.

3 OBJETIVOS

3.1 OBJETIVO GERAL

Compreender o processo de luto a partir de uma perspectiva analítica-comportamental com base em um método de revisão de literatura

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

1. Realizar um levantamento e análise das informações dos dados encontrados nas bibliografias sobre o luto
2. Descrever o que é o luto e o processo de elaboração
3. Identificar quais são as intervenções e práticas que estão sendo utilizadas por analistas do comportamento para o tratamento do luto
4. Identificar através dos artigos e autores do referencial teórico outros possíveis aspectos sobre o luto que ainda não foram tão aprofundados, como por exemplo:
 - I) O processo de luto sob a perspectiva da AC, II) levantamento das intervenções que estão sendo mais utilizadas nos estudos de caso presentes;
 - III) O processo de luto na infância; IV) Luto em contextos pandêmicos

4 MÉTODO

No presente trabalho será feito um levantamento com os artigos e autores da área, ligada ao tema disponíveis na bibliografia, para descrever e analisar o que é o luto e o processo de elaboração, visando identificar quais são as intervenções e práticas que estão sendo utilizadas por analistas do comportamento para o tratamento do luto; quais aspectos do luto estão sendo estudados por analistas do comportamento e quais outros possíveis aspectos sobre o luto que ainda não foram tão aprofundados pela AC.

Para orientar o levantamento de artigos, foram selecionadas algumas informações essenciais para contextualizar a temática, como: principais objetivos do artigo, método, propostas teóricas, conceituais e propostas de intervenções terapêuticas nos diferentes estudos de casos.

4.1 PROCEDIMENTO DE BUSCA DE ARTIGOS

A pesquisa então foi feita nas bases de dados digitais, tais como o Google Acadêmico, Scielo, Pubmed e nas principais revistas brasileiras de Análise do Comportamento, como a Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva, a ABPMC – Associação Brasileira de Ciências do Comportamento, Perspectivas sobre Comportamento e Cognição e autores acadêmicos.

Foram utilizados para a busca os descritores “Luto”, “Análise do Comportamento” preferencialmente escritos na língua portuguesa.

4.2 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO

Como critério de inclusão, o luto relacionado à morte física teria que ser necessariamente a temática central do texto, assim como ter o Behaviorismo Radical como base filosófica e teórica. Em seguida, foram rastreados os resumos das publicações e lidos para ver quais se encaixavam dentro dos critérios pré-estabelecidos. Aqueles selecionados passaram, então, por uma leitura mais minuciosa e completa.

4.3 CRITÉRIOS DE EXCLUSÃO

Foram excluídas as publicações duplicadas e os textos que apresentavam a temática como subtema ou somente nas referências.

4.4 PRINCIPAIS DISCUSSÕES

Em busca de analisar quais aspectos do luto estão sendo estudados no Brasil e que podem ser interpretados a partir de conceitos comportamentais, optou-se por realizar um levantamento das principais discussões sobre o luto que se encontram no livro “O Luto no século 21”, da autora Maria Helena Pereira Franco (2021) e, a partir disso, comparar com as discussões propostas nos artigos selecionados para a revisão. A autora é especialista e pioneira no tema no Brasil, Doutora em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), fundadora (1996) e coordenadora do Laboratório de Estudos e Intervenções sobre o Luto – LELu, da PUCSP e do “4 Estações” Instituto de Psicologia. Maria Helena Pereira Franco, reúne nesta obra décadas de experiência no atendimento a pessoas enlutadas e na formação de profissionais que atuam neste campo, disponibilizando diversas teorias e pesquisas sobre o luto. Considerou-se, portanto, que um levantamento comparativo pode auxiliar em um melhor direcionamento daquilo que poderia ser mais pesquisado e compreendido por estudantes e profissionais Analistas do Comportamento.

4.5 ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO

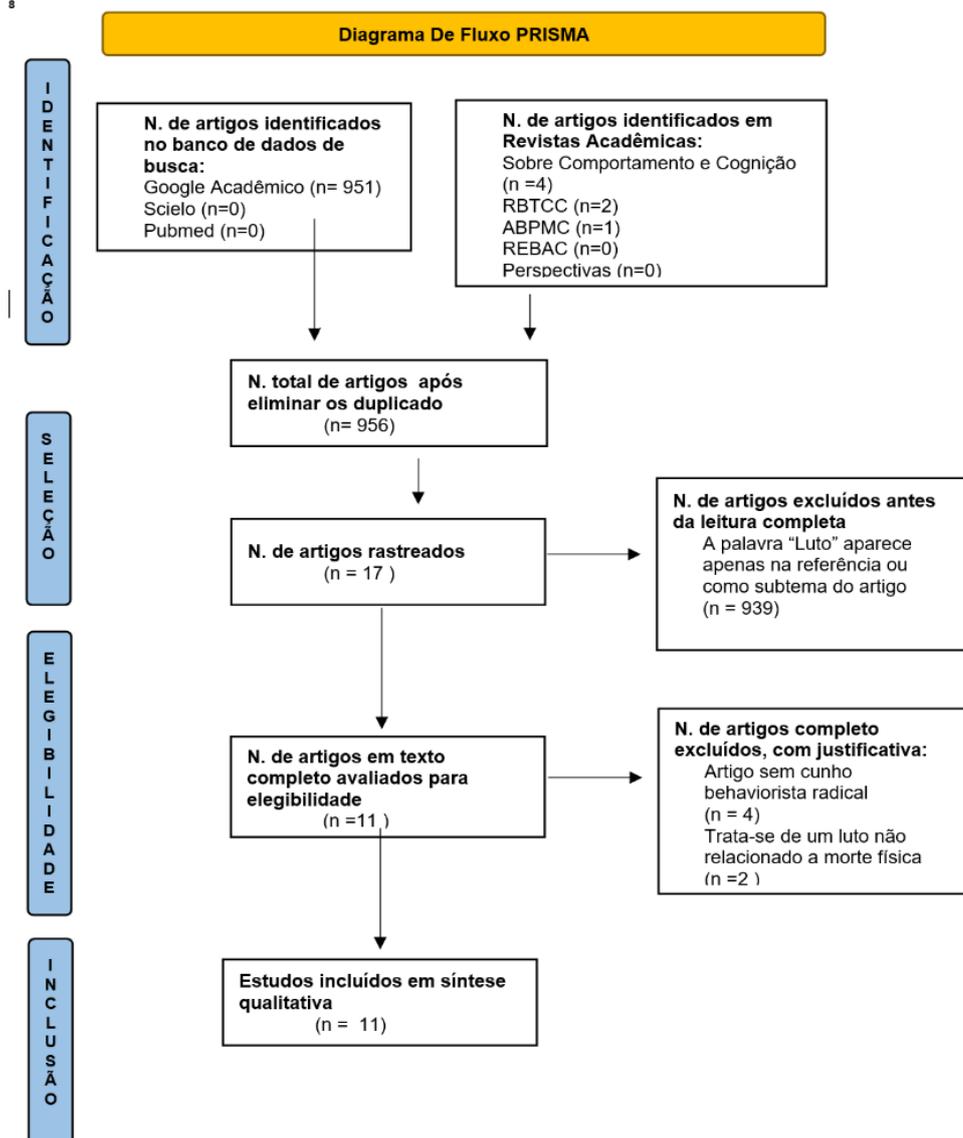
Após a busca na literatura e a coleta de dados, foram selecionados os artigos que se enquadraram nos critérios de inclusão pré-estabelecidos. Para uma comunicação mais clara do processo de seleção, foi utilizado o Diagrama de Fluxo de PRISMA. Isto feito, os artigos foram lidos na íntegra e os tópicos abordados foram levantados em subtítulos na seção 7. Discussão, agrupando e discutindo as informações de artigos que tratassem de tópicos semelhantes.

5 RESULTADOS

O Diagrama de Fluxo PRISMA representado na **Figura 1**, indica o fluxo de seleção dos artigos selecionados para a revisão bibliográfica, incluindo o total de artigos encontrados nas principais plataformas digitais e revistas selecionadas; o motivo de exclusão dos mesmos em cada etapa da pesquisa e, o número total final dos artigos incluídos para a síntese qualitativa. O fluxograma foi realizado em 08 de Março de 2022.

Figura 1. Diagrama De Fluxo PRISMA

PRISMA 2020 flow diagram for new systematic reviews which included searches of databases and registers only



From: Page MJ, McKenzie JE, Bossuyt PM, Boutron I, Hoffmann TC, Mulrow CD, et al. The PRISMA 2020 statement: an updated guideline for reporting systematic reviews. *BMJ* 2021;372:n71. doi: 10.1136/bmj.n71

Fonte: Elaborado pela autora com base em MCKENZIE et al (2021).

Após a aplicação dos procedimentos de inclusão, exclusão e seleção dos artigos, 17 foram elegíveis para este trabalho. A grande maioria dos artigos foram excluídos, pois a palavra “Luto” foi identificada apenas nas referências ou como subtema do artigo. Na etapa da elegibilidade, esses 17 artigos foram lidos e analisados, mas 4 foram excluídos por não apresentarem uma orientação filosófica behaviorista radical e outros 2, por não estarem relacionados ao luto da morte física, mas que abordavam o tema o luto pelo filho idealizado, tratando-se do impacto nas famílias após receber o diagnóstico de TEA. Isto significa que 11 foram incluídos neste trabalho, para análise e discussão de dados.

A **Tabela 1** foi elaborada como uma pré análise do trabalho. Indica os nomes dos textos e artigos, os autores e os respectivos objetivos e principais conclusões. Ao todo, foram selecionados 11 artigos apresentados abaixo:

Tabela 1. Informações dos Artigos Selecionados para a Revisão

Texto	Autores	Objetivo	Principais conclusões:
I) Luto: uma perspectiva da terapia analítico comportamental	Nascimento et al, 2017.	Proposta teórica e conceitual sobre o luto. Releitura das tarefas do luto propostas por Worden, gerando um conjunto de regras para orientar a atuação terapêutica em demandas relacionadas a perdas.	A AC demonstra-se compatível com a proposta de Worden e adequada para atendimentos com pessoas enlutadas.
II)Terapia Comportamental Infantil na relação mãe e filho ante o luto materno - um relato de caso	Tsutsumi et al, 2017.	Intervenção clínica em caso de mãe e filho enlutados, baseado na Terapia Infantil, para enlutados.	As perguntas sobre a morte do pai estavam sendo reforçadas pela falta de informação fornecida para ele.
III)Uma homenagem a João Cláudio Todorov O luto e a morte na perspectiva da Análise do Comportamento	Farias; Nunes et al, 2022.	Proposta teórica e conceitual sobre a morte e o luto	Necessidade de falar mais sobre temas como morte e luto, podendo contribuir para um melhor enfrentamento e uma abordagem mais eficiente em contextos de saúde
IV)Esquiva Experiencial e Processo de Aceitação num Caso de Luto Materno	Santos et al, 2020.	Intervenção clínica, fundamentada na Terapia de Aceitação e Compromisso (ACT), em um caso de luto materno. Identifica o processo de esquiva experiencial e promove o processo de aceitação do luto.	Demonstra que demandas relacionadas a morte e luto podem ser trabalhadas a partir da ACT

V) Análise do Comportamento Aplicada a questões da infância: Compreendendo o processo de luto na infância e o papel do adulto	Teixeira et al 2020	Proposta teórica e conceitual sobre a morte e o luto na infância.	A relevância de ter um adulto ou cuidador para auxiliar a criança a compreender melhor o processo de luto de uma forma saudável, sem mascarar os fatos
VI) Luto no Virtual: verificação da relação entre as fases do luto e a extinção operante a partir da vivência compartilhada em uma rede social virtual	Fagundes, 2012.	Verificar a existência de uma demonstração de luto através da exposição de redes sociais, buscando observar se é encontrado nesse comportamento verbal, as fases do luto e a existência de uma curva de extinção operante e, assim, investigar o nexos entre os conceitos.	Observa-se que as fases da curva de extinção se assemelham as fases do luto propostas por Kubler-Ross. E entende-se que acompanhar a rede social de um cliente, possibilita o terapeuta a identificar o que é reforçador para o cliente, assim como pode estudar e propor intervenções online.
VII) Luto e um adeus sem despedidas em tempos de covid 19	Torres, 2021.	Proposta teórica e conceitual em busca de identificar alternativas para um luto menos traumático no contexto pandêmico.	Relevância em encontrar alternativas de despedidas do morto, apesar das limitações impostas pela pandemia. O processo terapêutico pode ser significativo para direcionar o enlutado na vivência de sua dor.
VIII) A literatura e o cinema como recurso na elaboração do luto infantil	Soares, 2021	Proposta teórica de investigar a utilidade de recursos terapêuticos no processo de elaboração do luto infantil	O uso dos recursos selecionados é válido e útil para a elaboração do processo de luto infantil. As histórias permitem que as crianças interpretem o luto dos personagens, viabilizando um melhor entendimento de suas próprias vivências.
IX) Pais órfãos de seus filhos: manejo do luto na perspectiva anatômico-comportamental	Wielenska, 2010	Manejo de luto. Intervenção clínica, fundamentada na Terapia de Aceitação e Compromisso (ACT), em um caso de luto paterno e enfrentamento de depressão e ansiedade.	Demonstra que demandas relacionadas à morte e luto podem ser trabalhadas a partir da ACT.
X) Luto: a dor que se perde com o tempo (...ou não se perde?)	Torres, 2010.	Análise e intervenção clínica em um caso de luto patológico.	O terapeuta contribui para uma melhor aceitação do luto, buscando bloquear as

			esquivas experienciais e, simultaneamente, promover contingências ambientais reforçadoras com a finalidade de reinvestir em seu repertório comportamental de relações sociais.
XI) Luto infantil: um estudo de caso baseado na análise do comportamento	Teixeira, at el 2009	Análise e intervenção clínica em um caso de luto infantil, buscando compreender o papel da psicoterapia no processo de aceitação e enfrentamento.	Demonstra que demandas relacionadas à morte e luto infantil podem ser trabalhadas a partir da Análise do comportamento. Assim como, a importância de buscar por atividades lúdicas que sejam reforçadoras para o cliente e utilização de técnicas assertivas de expressão de sentimentos.

Fonte: Elaborado pela autora.

A partir da pesquisa realizada, foram selecionados tanto artigos com propostas teóricas e conceituais sobre a morte e o luto, como artigos de estudo de caso. Após lidos na íntegra, para uma análise fundamentada e mais organizada, os resultados foram divididos em alguns dos principais temas abordados nesses artigos: I) O processo de luto sob a perspectiva da AC: aspectos definidores, II) levantamento das intervenções que estão sendo mais utilizadas nos estudos de caso presentes; III) O processo de luto na infância; IV) Luto em contextos pandêmicos

6 DISCUSSÃO

6.1 O PROCESSO DE LUTO SOB A PERSPECTIVA DA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO: ASPECTOS DEFINIDORES

De acordo com o artigo “Luto: uma perspectiva da terapia analítica comportamental” (NASCIMENTO et al, 2017), pessoas podem adquirir função de estímulo discriminativo, estímulo reforçador (positivo ou negativo) e operação estabelecadora para reforçadores sociais ou para acesso a outros reforçadores;

funções estas que seriam estabelecidas ao longo da história de vida da pessoa e da interação desta com as outras pessoas (HOSHINO, 2006 & TORRES, 2010 citado em NASCIMENTO et al, 2017). Diante de situações de morte, o falecido deixa de fazer parte do ambiente do enlutado e há, portanto, uma perda de contato com os estímulos reforçadores provenientes dessa relação (TORRES, 2010).

Em virtude dessa perda, as contingências de reforçamento vigentes na vida da pessoa modificam-se, levando a mudanças comportamentais. Essas mudanças (tanto de respostas públicas como privadas), produzidas pelo evento da perda são nomeadas como luto pela comunidade verbal.

O artigo em referência analisa também a contingência do luto, considerando a perda e o vínculo como antecedentes, as reações do luto como as respostas e o sofrimento e o processo do luto como consequência (HOSHINO, 2006 citado em NASCIMENTO et al, 2017). Segundo os autores, é relevante considerar que a irreversibilidade da morte acarreta que nenhum comportamento emitido pelo enlutado irá alterar o evento.

O luto, portanto, é um processo de adaptação do repertório comportamental do sujeito, acompanhado de um conjunto de contingências aversivas e a perda de reforçadores importantes. Como forma de evitar mais dores e frustrações, o enlutado passa a diminuir outras atividades cotidianas também antes reforçadoras e, conseqüentemente, não se expõe a novas contingências envolvendo reforçadores positivos e emitindo respostas de fuga e esquiva aos eventos aversivos relacionados ao falecido e ao evento da perda (NASCIMENTO, et al. 2015, p. 455).

Segundo o artigo, “Uma homenagem a João Claudio Todorov: O luto e a morte na perspectiva da Análise do Comportamento” (FARIAS; NUNES et al, 2022.), assim como qualquer comportamento, os comportamentos que envolvem o luto de uma perda são multideterminados e selecionados em três níveis: filogenético, ontogenético e cultural, (SKINNER 1981/2007, citado em FARIAS; NUNES et al, 2022.). A variação e a seleção por conseqüências, para a sobrevivência da espécie, do organismo e da cultura, determinam a forma e os comportamentos de cada indivíduo diante da perda. Nesse sentido, o artigo ressalta que para uma melhor compreensão dos comportamentos do enlutado, é necessário que seja analisada a história de interações com aquele que se foi. Entendendo qual a funcionalidade e a importância que lhe foi atribuída.

Os mesmos autores (FARIAS; NUNES et al, 2022) levantam uma análise do Lincoln Gimenes (2012), que efetua uma analogia entre o processo de extinção operante e o luto. Tal processo comportamental é entendido como a operação de suspender o reforço, assim, enfraquecendo a relação entre a resposta e a consequência, resultando em uma diminuição da frequência dessa classe de respostas (BORGES et. al, 2012). Em uma curva do processo de extinção dos comportamentos relacionados à morte, ocorre, primeiramente, uma perda de reforçadores importantes advindos daquela relação. Em seguida, o indivíduo passa a emitir uma nova classe de respostas adaptativas como tentativa de obter reforçadores positivos de forma alternativa. Em dado momento, estes comportamentos deverão diminuir de frequência no repertório do enlutado, já que não há mais as condições necessárias do enlutado entrar em contato com o ente querido falecido. Nota-se que, quanto mais reforçadora a classe de respostas adaptativas na história do enlutado, mais difícil será eliminá-la. Os autores reconhecem que tal analogia permite que sejam reconhecidos comportamentos que podem estar presentes durante o processo de luto, mas não propõe estratégias de intervenção e não proporciona autonomia ao enlutado.

O trabalho “Luto no Virtual: verificação da relação entre as fases do luto e a extinção operante a partir da vivência compartilhada em uma rede social virtual” (FAGUNDES, 2012.), faz um paralelo entre as fases da curva de extinção com as fases do luto descritas por Kubler-Ross em seu livro *Sobre a Morte e o Morrer*, tomando como exemplo relatos na internet de uma mãe enlutada pela perda recente de seu filho. Segundo o autor (FAGUNDES, 2012.), quando um ente querido vem a falecer, há uma ruptura na relação de resposta e reforço estabelecida ao longo da história dos sujeitos. Os enlutados, portanto, podem emitir os mesmos comportamentos, mas não irão mais ser seguidos pelos reforçadores antes estabelecidos. Por exemplo, o enlutado que tenta manter contato físico ou via internet com o falecido, seja entrando em seu antigo quarto, fazendo ligações ou até mesmo mandando áudios em redes sociais, está emitindo respostas antes reforçadas por aquele que se foi, mas que, no momento, não existem mais as condições necessárias daquele mesmo estímulo ocorrer (contato com o sujeito que era fonte de reforçadores). Assim, enfraquecendo a relação entre resposta e consequência, Wood (citado em FAGUNDES, 2012) descreve que ao retirar a consequência da resposta, “a) A frequência da resposta aumenta abruptamente no início da extinção; b) A

variabilidade da forma (topografia) da resposta aumenta; c) A ordem de ocorrência das respostas se altera; d) Sensações (respostas) emocionais como as “expectativas frustradas”, raiva, irritação, ansiedade, são produzidas. e) Com o passar do tempo a frequência da resposta começa a declinar de modo irregular até o comportamento ser extinto.”.

A **Tabela 2** retirada do trabalho (FAGUNDES, 2012.), mostra as fases descritas pela psiquiatria Kubler-Ross correspondentes a cada uma das etapas da curva de extinção descritas acima:

Tabela 2. Fases da Extinção Operante correspondentes as fases do Luto

	Extinção Operante
Negação	Burst (frequência de respostas aumenta abruptamente)
Raiva	A variabilidade da forma (topografia) da resposta aumenta
Barganha	Variabilidade comportamental
Depressão	Diminuição da taxa de resposta acompanhada de respondentes
Aceitação	retorno ao nível operante

Tanto o artigo “Luto: uma perspectiva da terapia analítico-comportamental” (NASCIMENTO et al, 2017.), como o artigo “Análise do comportamento Aplicada a questões da infância: Compreendendo o processo de luto na infância e o papel do adulto” (TEIXEIRA et al 2020) referenciam as Tarefas do Luto descritas por Worden (1993 e 2015), buscando realizar uma releitura sob a perspectiva da Análise do Comportamento. Os autores destacam que a perda é um evento estressante e estímulos associados tendem a tornar-se aversivos (TORRES, 2010). Diante da lembrança de eventos traumáticos, é comum que o indivíduo apresente comportamentos de fuga e esquiva dessas lembranças. Assim, as tarefas descritas por Worden (1993 e 2015), melhor descritas no tópico 6.2 Intervenções Terapêuticas, buscam que o sujeito passe a aceitar a realidade da perda, gradualmente bloqueando as esquivas, e encontrando formas de encontrar um vínculo adaptativo com o falecido, aprendendo a viver apesar da perda.

6.2 INTERVENÇÕES TERAPÊUTICAS

Os artigos de estudo de caso selecionados apresentam algumas das diferentes formas de intervenções terapêuticas comportamentais. Dois apresentam intervenções com base na Terapia de Aceitação e Compromisso (ACT) (SANTOS et al, 2020 & WIELENSKA, 2010); um apresenta intervenção baseada na Terapia Comportamental Infantil (TSUTSUMI et al, 2017.); e os outros dois apresentam

técnicas da Terapia Analítico-Comportamental (TEIXEIRA, at el 2009 & TORRES, 2010).

Santos et al, (2020) apresentaram uma intervenção clínica fundamentada na ACT. O objetivo era realizar um estudo de caso para identificar o processo de esquiva experiencial¹ e promover o processo de aceitação num caso de luto materno. O caso estudado foi de uma mulher de 48 anos, casada, que sofreu uma perda recente de seu filho mais velho, que na época tinha 27 anos. Durante o processo terapêutico, foram feitos acolhimentos de queixa, roteiros de primeira sessão, diário de vivências cotidianas, segundo os autores, procedimentos embasados na obra de Hayes, Strosahl e Wilson, 1999, exercício de escrever cartas ao ente querido morto, *Mindfulness*, Tabela de Valores e desenvolvimento de planos futuros (SABAM, 2015).

Nas sessões, a sua coragem e confiança² eram validadas, construindo um ambiente seguro de terapia. A cliente se esquivava de expor os seus sentimentos, sendo um dos motivos o fato de não querer demonstrar fraqueza para os familiares. Esquivar-se de pensar ou de falar sobre situações que causam certo sofrimento acaba por reduzir o repertório comportamental de como lidar com a situação, isto é, a inflexibilidade psicológica (SABAM, 2015). Com o auxílio de recursos psicoeducativos, a terapeuta reforçava a importância de entrar em contato com os comportamentos encobertos e a coragem da cliente de falar sobre esses eventos dolorosos. Após sessões de análises, a cliente descreve comportamentos que demonstram uma melhor aceitação da perda, podendo assim direcionar a uma vida com mais significado e certificando bons resultados das sessões de psicoterapia.

Outro artigo que discorre sobre intervenções em ACT para o luto é o "Pais órfãos de seus filhos: manejo do luto na perspectiva analítico-comportamental" (WIELENSKA,, 2010), é uma intervenção clínica de um caso de luto paterno e enfrentamento de depressão e ansiedade de um homem, de 45 anos de idade, pai de dois filhos. O sujeito buscou psicoterapia para tratamento de depressão maior e sintomas obsessivos-compulsivos leves. Durante o encaminhamento, ocorre a morte súbita de seu filho mais velho. A terapeuta manifesta solidariedade, validando os

¹ Esquiva experiencial: comportamentos reforçados negativamente ao promover sensação de alívio ou evitação de sentimentos desconfortáveis, como comportamentos encobertos de pensamentos negativos ou autodepreciativos, angústia, ansiedade ou a tristeza (NUCLEO DE ANÁLISE DO COMPORTAMENTO DE SANTOS E REGIÃO - NAC, 2008).

² Coragem e confiança: termos empregados pelos autores do artigo, sem especificar no que consistiam em uma perspectiva analítica-comportamental.

sentimentos do cliente. Foi discutido que, diante de um evento de grande impacto, as emoções de raiva e tristeza e a vontade de chorar eram absolutamente aceitáveis. As sessões de terapia também tinham enfoque no compromisso de falar dessa experiência do luto, evitando as esquivas experienciais. Paralelamente, buscou-se criar condições reforçadoras para uma retomada da vida. Passando a encontrar outras fontes de prazer compatíveis com esse novo ambiente, como praticas regulares de atividades físicas, maior frequência de viagens com fins de lazer, reorganização da carreira e instrumentalizá-lo para conduzir um melhor relacionamento com sua outra filha. Encontrar essas outras fontes de prazer foi um dos objetivos definidos como forma de honrar a memória de seu filho, já que era esse um dos ensinamentos que ele sempre tentou ensiná-lo. O terapeuta ressalta que não houve recaídas depressivas ao longo dos anos e que as sessões foram mantidas com um maior espaçamento de tempo.

Posto isso, o método de intervenção da ACT se mostrou eficiente nesses estudos de casos. Já que estes sujeitos enlutados estavam evitando pensamentos e eventos relacionados à perda, esquivando-se de sofrimento como forma de se auto proteger contra a nova realidade.

O artigo que utiliza a Terapia Comportamental Infantil como intervenção (TCI) (TSUTSUMI et al, 2017.), aborda o caso clínico de uma criança de 6 anos, filho único. Essa modalidade de psicoterapia é adaptada para o seu público-alvo, as crianças. Utiliza-se recursos alternativos ao relato verbal, como estratégias lúdicas. A intervenção é feita com pessoas da rede social da criança também, já que são estes normalmente que a levam à terapia.

Quando o sujeito tinha 2 anos de idade, o seu pai se suicidou. A mãe sentia angústia quando esse assunto era colocado em pauta, não sabendo como comunicar e explicar a situação para o filho. Ao analisar o caso, o terapeuta identifica que as perguntas recorrentes do cliente em relação à morte do pai eram motivadas pela falta de informação sobre o pai, seguida por um comportamento de esquiva da mãe. Define-se, então, os objetivos terapêuticos: 1) ampliar o conhecimento que o cliente tinha acerca do pai e 2) instrumentalizar a mãe para que ela mediasse esse processo. A mãe foi estimulada a ampliar o conhecimento de seu filho sobre o pai a partir de elementos que se sentia confortável, como fotos e contando histórias. Com o passar das sessões, foi avaliado que a sinceridade das respostas ante as perguntas era suficiente para aquele momento, ainda não se fazendo necessário o relato sobre o

suicídio. De acordo com o artigo (TSUTSUMI et al, 2017.), o sucesso terapêutico foi conquistado em conjunto com o trabalho da mãe, algo previsto nesta modalidade de psicoterapia.

Em relação às pesquisas que utilizaram técnicas da Terapia Analítico-comportamental, o trabalho intitulado “Luto Infantil: um estudo de caso baseado na análise do comportamento” (TEIXEIRA, at el 2009), trouxe uma análise de um caso clínico infantil, de um cliente de 6 anos de idade, que perdeu seu pai 11 meses antes do início do tratamento. A mãe busca terapia com a queixa dos comportamentos agressivos de seu filho, assim como baixo rendimento escolar e medo. Com o objetivo de intervir nos comportamentos-problemas e possibilitar maior qualidade de vida ao sujeito, o terapeuta realizou análises funcionais, visando descobrir as funções destes comportamentos, identificar as variáveis que o controlam, bem como levantar hipóteses acerca dos fatores que estão mantendo-os (MARINHO, 2001). Ao longo do tratamento, foram propostas algumas atividades lúdicas, como: leitura de livros relacionados a essa temática, desenhos de família, caixas de segredos, assim como maneiras assertivas de expressar os sentimentos.

Falar sobre os sentimentos e nomear as emoções são habilidades importantes que ajudam a criança a transformar uma sensação assustadora e incômoda em algo definível e natural, o que pode ter um efeito calmante imediato (DEL PRETTE, 2005, p. 119 citado em Teixeira, at el 2009).

De acordo com os autores, foi possível perceber mudanças significativas no comportamento do cliente, que começou a se expressar mais e diminuir os comportamentos de medo e de agressividade. Apesar dos avanços relatados, a terapeuta acredita que a questão do luto deve ser mais investigada, já que continua a ser um tema aversivo para o seu cliente.

No último estudo de caso (TORRES, 2010), o autor afirma que o papel da terapia em um processo de luto envolve um ambiente não punitivo, que permita que o cliente exponha os comportamentos encobertos de forma a serem validados. O terapeuta deve contribuir com uma melhor aceitação da perda, permitindo que o cliente sinta as dores e, simultaneamente, promover contingências ambientais reforçadoras com a finalidade de reinvestir em seu repertório comportamental de relações sociais. O caso analisado foi de uma cliente de 19 anos de idade, que buscava atendimento clínico por se sentir ansiosa, deprimida e não conseguir encerrar um relacionamento amoroso com o seu parceiro. Pouco antes de seus 18 anos, a

cliente perde os dois pais em um acidente. Esse namorado passa a morar junto com ela, mas, depois de um certo tempo, ela passa a enxergá-lo apenas como um amigo. A cliente esquivava-se toda vez que o terapeuta tentava se aproximar e se aprofundar em algo referente aos pais. Demonstrando ser uma temática bastante aversiva. Segundo o terapeuta, a morte dos pais acarretou a perda de sua maior fonte de reforçamento e a cliente estava negando sua experiência de luto, apresentando comportamentos emocionais não condizentes ao evento traumático. Tais comportamentos apontam que ela estava passando por um processo de luto denominado “luto complicado”.

O papel do terapeuta foi de bloquear tais esquivas, permitindo que ela começasse a se expressar mais. Para isso, foram utilizados mecanismos para despertar as emoções de dor e tristeza, como trechos de músicas que condiziam com suas experiências, exercícios vivenciais e desenhos e poemas que pudesses levá-la a experienciar a sua dor. Com o passar das sessões, a cliente foi permitindo novas intervenções com relação à dor da perda e, de forma gradual, a frequência de seu choro foi diminuindo. Além disso, a cliente conseguiu falar mais sobre o desejo do término da relação amorosa com seu namorado e de eventos privados relacionados a perda, que então passaram a diminuir ou até perder a função aversiva e, em paralelo, foi construindo repertório comportamental para aceitar tais mudanças.

Além dos estudos de caso já citados, os artigos de propostas teóricas e conceituais: “Luto: uma perspectiva da terapia analítico-comportamental” (NASCIMENTO et al, 2017.) e “Análise do comportamento Aplicada a questões da infância: Compreendendo o processo de luto na infância e o papel do adulto” (TEIXEIRA et al 2020), estudaram intervenções terapêuticas referenciando as Tarefas do Luto descritas por Worden (2012), buscando realizar uma releitura sob a perspectiva da Análise do Comportamento.

A primeira tarefa descrita é a de aceitar a realidade, ou seja, gradualmente ir bloqueando as esquivas. A próxima tarefa é a de processar a dor da perda. Neste sentido, é proposto que o enlutado busque o suporte de sua comunidade verbal, em um ambiente não punitivo, para que possa se expressar. As responsabilidades que costumavam ser exercidas pelo falecido terão que ser compensadas pelo enlutado. Nesta terceira tarefa, portanto, os que ficaram terão que desenvolver repertório comportamental para se adaptar ao novo contexto (TORRES,2010). Já na quarta tarefa, é importante encontrar um vínculo com o ente querido falecido, aprendendo a

viver apesar da perda. Os comportamentos encobertos denominados como saudades ainda irão fazer parte do dia a dia do enlutado, mas deve-se encontrar outros reforçadores. Por fim, os autores comentam que as tarefas não devem ser analisadas como imutáveis e que, para cada indivíduo, podem manifestar-se em diferentes formas e topografias.

6.3 O PROCESSO DE LUTO NA INFÂNCIA

Dos artigos selecionados, identifica-se que quatro (TSUTSUMI et al, 2017; & TEIXEIRA et al 2020 & SOARES, 2021 & TEIXEIRA, et al, 2009) apresentam características específicas do processo de luto infantil.

O artigo “Terapia Comportamental Infantil na relação mãe e filho ante o luto materno - um relato de caso” (TSUTSUMI et al, 2017.) e o “Luto infantil: um estudo de caso baseado na análise do comportamento” Teixeira, et al 2009, têm maior enfoque nas intervenções dos casos trabalhados. Os autores ressaltam a importância de explicar a morte para a criança, favorecendo o diálogo não punitivo e formas de compartilhar os seus sentimentos. Hisatugo (2000), citado em (Teixeira, et al, 2009.), afirma que em muitos casos o melhor caminho é dizer a verdade, sinalizando que a morte é irreversível, permitindo o amadurecimento da criança.

Teixeira et al (2020), discorre sobre o processo de luto a partir de uma análise teórica e conceitual. Segundo os autores, o processo de extinção vivido no luto infantil é similar ao dos adultos. Para ajudá-las a percorrer este processo de uma forma mais saudável, é necessário que seja feita uma análise de quais reforçadores importantes foram perdidos e qual o repertório da criança naquele momento, tanto para avaliar sua compreensão do que ocorreu quanto para ajudá-la no que for necessário na busca de novos reforçadores. No entanto, existe uma tentativa da comunidade verbal de evitar o contato das crianças com tal temática. Muitas vezes, os adultos optam por dar explicações vagas sobre a morte, se esquivando do estímulo aversivo de se deparar com o seu próprio sofrimento e de poupar as crianças de sofrerem. Os autores apresentam uma pesquisa realizada em 2018, pelo Sindicato dos Cemitérios e Crematórios Particulares do Brasil (SINCEP), que revela que 74% da amostra selecionada, não fala sobre a morte no cotidiano e associam a morte a sentimentos difíceis como tristeza, dor, saudade, sofrimento e medo, não se sentindo preparados

para falar sobre o assunto. Essa condição de esquivar-se diante da morte, traz modelos comportamentais de enfrentamento pouco adaptativos tanto para os adultos, como para as crianças.

Segundo Krupnick (1984) citado por Teixeira et al (2020), as consequências do luto podem aparecer de forma intermitente nas crianças, mesmo depois de anos da perda, já que por conta da proteção dos adultos, as crianças acabam por não ter um contato direto com os estímulos aversivos da perda e com a perda de reforçadores positivos. Por fim, o artigo ressalta a importância do papel do adulto em auxiliar a criança a vivenciar o seu processo de luto de uma forma mais saudável³ ou seja, buscando um equilíbrio entre proteger e informá-las e possibilitando que a criança tenha acesso a novas contingências reforçadoras. As crianças precisam do adulto para modelar e encorajá-las a passar por esses momentos.

Para auxiliar os adultos e terapeutas na hora de lidar com o luto infantil, existe uma variedade de material disponível que possibilita o diálogo de forma mais lúdica e compreensível, como filmes, livros, desenhos animados e dentre outros. Segundo o artigo “A literatura e o cinema como recurso na elaboração do luto infantil” (SOARES, 2021), o cinema e a literatura na clínica analítico-comportamental é um recurso facilitador para inúmeras demandas. Aponta-se que as principais vantagens deste recurso são: a alta aderência, fácil acesso, maior disponibilidade de interação, familiaridade com o cotidiano, encorajamento ao cliente, fornecimento de modelos frente a situações aversivas e maior facilidade de expressão de sentimentos (HESLEY, 2001 citado em Soares, 2021). Para as crianças essa ferramenta se torna ainda mais relevante, por ser uma atividade de carácter lúdico, aumentando a probabilidade de engajamento. Para realizar a pesquisa, a autora analisa três animações e dois livros infantis, sendo eles: “Up, altas aventuras”, “Viva: a vida é uma festa”, “O Rei Leão”, “O vovô não vai voltar”, “Mas por quê? A História de Elvis”. Segundo ela, cada uma das obras selecionadas desenvolvem importantes aspectos acerca do luto e são analisadas sob uma perspectiva analítico-comportamental. A escolha da obra é voltada para cada sujeito específico e sua demanda. Deve-se selecionar aquele que seja mais prazeroso e que faça mais sentido pensando nos comportamentos que se pretende modelar. Segundo o artigo, a pesquisa evidencia o

³ Saudável: conceito utilizado pelos autores do artigo “Análise do Comportamento Aplicada a questões da infância: Compreendendo o processo de luto na infância e o papel do adulto”, sem especificar no que consistiam em uma perspectiva analítico-comportamental.

valor do uso desses recursos lúdicos para as crianças, permitindo que as crianças interpretem o luto dos personagens, dando espaço para a criança se expressar e tirar suas dúvidas. Assim, viabilizando um melhor entendimento de suas próprias vivências.

6.4 LUTO EM CONTEXTOS PANDÊMICOS

Em relação ao luto em contextos pandêmicos, o trabalho “Luto e um adeus sem despedidas em tempos de Covid 19”, Torres (2021), buscou identificar alternativas para um luto menos traumático neste contexto de maior vulnerabilidade, que acaba por intensificar a dor da perda devido a alguns fatores, como: a) a morte é abrupta e imprevisível; b) em razão do contágio, as famílias são separadas de seu familiar enfermo; c) os familiares ficam impossibilitados de memorizar e lamentar a perda através da não realização dos rituais fúnebres de origem cultural e religiosa; d) a família recebe a notícia da morte por alguém possivelmente desconhecido não tendo, muitas vezes, informações claras e precisas sobre a fatal ocorrência, assim como pode ela (família) não ter acesso aos pertences do ente querido (NATIONAL CENTER FOR PTSD, 2020, p.158 citado em TORRES, 2021).

Dado esse cenário de infecção, o enlutado acaba por entrar em contato com esses fatores que dificultam ainda mais o processo de luto. Então, além de não entrarem em contato com despedidas e rituais fúnebres, os enlutados também perdem o contato físico com pessoas que dariam um suporte socioafetivo, dificultando ainda mais um acolhimento e validações do estado de sofrimento pela perda (TORRES et al, 2020). O autor propõe então alternativas nas configurações do processo de luto, fazendo o uso da tecnologia, como, por exemplo: mensagens de voz, reuniões por videochamada e criação de memórias online. O capítulo finaliza sugerindo que o suporte terapêutico pode ser significativo nestes momentos, direcionando o enlutado na vivência da sua dor.

6.5 ANÁLISE COMPARATIVA

O livro “O Luto no século 21”, da autora Maria Helena Pereira Franco (2021), reúne relatos de experiências no atendimento a pessoas enlutadas e na formação de profissionais que atuam neste campo, disponibilizando diversas teorias e pesquisas sobre o luto. A autora faz uma introdução ao tema, abordando as perspectivas históricas de como o luto foi entendido ao longo da história da humanidade e como é hoje. Depois, relata as diferentes perspectivas e modelos teóricos pesquisados, como: a teoria do apego de Bowlby (1981-1994); Teoria das transições psicossociais, de Stroebe et al (1993); Rosenblatt (2008); Janoff-Bulman, (1992); e Tarefas do Luto de Worden (1993 e 2015); Os quatro componentes do luto, Bonanno e Kaltman (1999), e o Construcionismo social de Averill e Nunley (1993). Em seguida, há um capítulo que levanta definições do luto, assim como os diferentes tipos de luto: luto antecipatório, luto antecipatório e cuidados paliativos, luto não reconhecido, luto coletivo, o luto do profissional da área da saúde e o luto na família. Outras temas, como o lugar da religião e da espiritualidade, o luto complicado, luto no ambiente do trabalho e o luto por suicídio também foram discutidos no livro. Por fim, há um subtópico específico que destaca as decisões sobre ações terapêuticas.

Já nos artigos selecionados para a revisão bibliográfica, encontram estudos de caso que abordaram temas, como a relação de mãe e filho enlutados, o luto materno, o luto paterno, luto patológico e o luto infantil. Os artigos teóricos e conceituais fizeram importantes releituras de teorias renomadas nos estudos sobre a morte e o luto, destacando-se a teoria desenvolvida por Worden, dos papéis do luto; a Teoria do Apego, por Bowlby; e as cinco fases do luto estudadas por Kleber-Ross.

A partir de uma análise comparativa entre a obra escolhida e os artigos selecionados para a revisão bibliográfica, observa-se que a Análise do Comportamento no Brasil vem, gradualmente, se aprofundando em temas fundamentais sobre o luto e, de alguma forma, se aproximando de outras teorias já consolidadas. No entanto, durante a pesquisa, não foram encontrados artigos que tratassem de temas bastante pesquisados e explorados na obra “O Luto no século 21”, como o do suicídio, o do lugar da religião e da espiritualidade no processo de luto, o do luto antecipatório, o do luto não reconhecido, o do luto do profissional da área da saúde, o do luto na família e o luto no ambiente do trabalho.

Considerou-se relevante realizar esse levantamento comparativo para que possa auxiliar em um melhor direcionamento daquilo que poderia ser mais pesquisado e compreendido por estudantes e profissionais Analistas do Comportamento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente revisão da literatura procurou identificar artigos e pesquisas com enfoque tanto em questões conceituais e discussões atuais sobre o luto, como nas intervenções terapêuticas que estão sendo utilizadas por analistas do comportamento. Conforme esperado, pouco foi encontrado na literatura behaviorista radical sobre os comportamentos diante de perdas tão significativas. Somente 11 artigos se encaixaram nos critérios estabelecidos e, dentre eles, muitos não utilizaram a linguagem conceitual e científica esperada na AC. Embora a eficácia dos estudos de caso, a rigor, alguns entram em contraste com as propostas de Baer, Wolf e Risley (1968) sobre o que uma pesquisa aplicada deve apresentar para ser analítico-comportamental.

Muitos dos artigos selecionados mantiveram um diálogo entre a AC e outras abordagens. Os autores trouxeram releituras de teorias e conceitos relacionados ao Luto já bastante estudadas por outras psicologias, que, por um lado contribui para o desenvolvimento da área, se aproximando do restante da comunidade psicológica, mas, por outro, inviabiliza uma visão mais singular da AC sobre o luto. Ademais, as pesquisas demonstraram que é inegável a importância de se estudar o assunto em busca de encontrar maneiras de compreender o processo de luto e de fortalecer a qualidade de vida dos clientes enlutados. Além de que fica evidente como a terapia analítica-comportamental é compatível para atendimentos de sujeitos enlutados, fornecendo uma perspectiva promissora para análise de contingências do processo de luto.

A partir desta revisão, foi possível compreender que o luto é um conjunto de comportamentos após a perda de contato com algo ou alguém e com os estímulos reforçadores provenientes dessa relação. O ambiente e as contingências na vida do enlutado mudam de forma abrupta, levando a mudanças comportamentais adaptativas à situação vivenciada. O processo de adaptação do repertório comportamental do sujeito é então acompanhado de um conjunto de contingências aversivas e a perda de reforçadores positivos importantes. Assim, constata-se que a busca pelo suporte terapêutico se faz relevante em muitos processos de luto. O terapeuta e o cliente buscam por uma melhor aceitação da perda, a partir de um ambiente não punitivo e de bastante acolhimento, possibilitando, dessa forma, um

direcionamento a uma vida com mais significado, em busca de novos reforçadores e uma aceitação à nova realidade de sua vida apesar da perda.

No que se refere ao trabalho “Luto e um adeus sem despedidas em tempos de covid-19”, Torres (2021), ressalta que, diante do cenário pandêmico, ocorreram diversos atravessamentos no processo de luto, em que muitas despedidas e rituais tiveram que ser adaptados. O autor propôs, então, possíveis alternativas nas configurações do processo do luto, utilizando-se de novas tecnologias. Por fim, Torres (2021) sugere que o suporte terapêutico se tornou ainda mais valioso nesses momentos.

O conjunto de artigos evidenciam também a necessidade da comunidade verbal de saber lidar com o processo de luto infantil. Os autores, (TSUTSUMI et al, 2017; & TEIXEIRA et al 2020 & SOARES, 2021 & TEIXEIRA, et al, 2009) ressaltam a importância de explicar a morte para a criança, favorecendo o diálogo não punitivo e formas de compartilhar os seus sentimentos. O melhor caminho é dizer a verdade, sinalizando que a morte é irreversível e permitindo o amadurecimento da criança. Em todos os artigos que tratavam sobre o assunto, os recursos lúdicos foram altamente recomendados.

Ressalta-se que os objetivos dessa revisão foram alcançados. Foi possível realizar um levantamento das informações dos dados encontrados nas bibliografias, descrito e analisado o luto e o processo de elaboração, assim como identificar as práticas e intervenções que estão sendo mais utilizadas por analistas do comportamento no tratamento do luto. A partir da análise comparativa entre a revisão da literatura e a obra da autora Maria Helena Pereira Franco (2021), foram identificados aspectos do luto não tão explorados pela AC e que podem servir de direcionamento daquilo que poderia ser mais pesquisado por estudantes e profissionais Analistas do Comportamento.

Por fim, vale destacar que, posteriormente à seleção dos artigos para a revisão da literatura, foi publicado o primeiro livro de Análise do Comportamento e Luto no Brasil: “Luto: teoria e intervenção em análise do comportamento”, organizado por Flavia Nunes Fonseca, Lucas Barbosa dos Santos & Anna Laura Leal Freire (2022), em que foram levantadas diversas discussões riquíssimas sobre a temática. Infelizmente, não deu tempo de incluí-lo na presente revisão, mas a publicação desta obra demonstra como analistas do comportamento estão preocupados com a urgência

de se falar e cuidar das perdas e lutos passíveis de acontecerem ao longo de toda a existência humana.

Almeja-se que, cada vez mais, sejam realizadas pesquisas futuras sobre o luto, buscando preencher as lacunas encontradas, assim como estudos que possam contribuir com a comunidade verbal e instrumentalizar terapeutas a lidarem com esse assunto constante em consultórios de psicoterapia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, José Ferreira; SILVA, Maria das Dores Ferreira da. **O Luto em Adultos Idosos: Natureza do Desafio Individual e das Variáveis Contextuais em Diferentes Modelos.** *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 25(3), 588-595. 01/06/2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/prc/a/3tSjhYY3jWbg7BHGBkMwdSr/?lang=pt&format=pdf>
- ASSOCIAÇÃO AMERICANA de PSIQUIATRIA. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais.** DSM III. 3. ed., 2013. Disponível em: DSM-III.pdf - Google Drive
- ASSOCIAÇÃO AMERICANA de PSIQUIATRIA. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais.** DSM V. 5. ed., 2013. Disponível em: <http://www.niip.com.br/wp-content/uploads/2018/06/Manual-Diagnostico-e-Estatistico-o-de-Transtornos-Mentais-DSM-5-1-pdf.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2021.
- BOWBLY. J. (1953) apud LUCENA, L. **As fases do luto.** 26/07/2017. Disponível em: <https://www.psiqueanalise.com/post/2017/06/26/as-fases-do-luto>
- CATANIA, A. C. **Aprendizagem: comportamento, linguagem e cognição.** 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- DELALIBERA, Mayra Armani. **Adaptação e Validação Portuguesa do Instrumento de Avaliação do Luto Prolongado – Prolonged Grief Disorder (PG-13).** Tese de Mestrado em Cuidados Paliativos, 6ª ed. Lisboa, 2010. Disponível em: https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/2255/1/597476_Tese.pdf
- FAGUNDES, Fabiano. **Luto no virtual: verificação da relação entre as fases do luto e a extinção operante a partir da vivência compartilhada em uma rede social virtual.** Jan/2012. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/344483028_luto_no_virtual_verificacao_da_relacao_entre_as_fases_do_luto_e_a_extincao_operante_a_partir_da_vivencia_compartilhada_em_uma_rede_social_virtual?enrichid=rgreq-4dc4eb19e7e97997750fe99579345457-xxx&enrichsource=y292zxjqywdlozm0ndq4mzayodtbuzo5ndmzodaxmdqymja2nzjamt ywmtkzmdc1mjiwmq%3d%3d&el=1_x_3&_esc=publicationcoverpdf
- FONSECA, Flávia Nunes et al. Uma homenagem a João Claudio Todorov: **O luto e a morte na perspectiva da Análise do Comportamento.** *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 23. 2021. Disponível em: <https://rbtcc.webhostusp.sti.usp.br/index.php/RBTCC/article/view/1687/781>
- FRANCO, Maria Helena Pereira. **Luto como experiência vital.** 2019. Disponível em: https://www.4estacoes.com/pdf/textos_saiba_mais/luto_como_experiencia_vital.pdf
- _____. **Luto em cuidados paliativos.** Visão histórica do estudo científico do luto. 17/08/2010. Disponível em: https://www.4estacoes.com/pdf/textos_saiba_mais/luto_em_cuidados_paliativos.pdf

FRANCO, Maria Helena Pereira. **O luto no século 21. 2021**

GARCIA, M. R. **Sobre Comportamento e Cognição** (Vol. 27) - Terapia Comportamental e Cognitiva. Disponível em:
<https://pt.scribd.com/document/344208454/27-Garcia-M-R-Org-2010-Sobre-Comportamento-e-Cognicao-Vol-27-Terapia-Comportamental-e-Cognitiva>

HOSHINO, K. (2006). **A perspectiva biológica do luto**. In H. J. Guilhardi, & N. C. Aguirre, *Sobre Comportamento e Cognição*, vol. 17 (pp. 313-326). Santo Andre: ESETec Editores Associados.

GUILHARDI H. J.; AGUIRRE, N. C. **Sobre Comportamento e Cognição**. vol. 17 (pp.313-326). Santo André, SP: ESETec.

LINDEMANN, E. ***Symptomatology and management of acute grief***. 1944. *Am J Psychiatry*. 1994 Jun;151(6. Suppl):155-60. Doi: 10.1176/ajp.151.6.155. PMID: 8192191.

KOVÁCS, M. J. **Morte e desenvolvimento humano**. São Paulo: Casa do Psicólogo. 1992.

KUBLER-ROSS, E. **Sobre a morte e o morrer**. 9ª. ed. Rio de Janeiro: Martins Fontes. 2008.

NASCIMENTO, D. C., NASSER, G. M., AMORIM, C. A., PORTO, T. H. **Luto: uma perspectiva da terapia analítico-comportamental**. In: *Psicologia Argumento*, v. 33, n. 83, 446-458, Paraná, 2015. Disponível em:
<https://periodicos.pucpr.br/psicologiaargumento/article/view/19593>

NEIMEYER, R. A. ***The language of loss: Grief therapy as a process of meaning reconstruction***. In R. A. Neimeyer (Ed.), *Meaning reconstruction & the experience of loss* (pp.261–292). American Psychological Association. 2001

NENO, Simone. **Análise funcional: definição e aplicação na terapia analítico-comportamental** Dez/2003. Disponível em:
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-55452003000200006

NUCLEO DE ANÁLISE DO COMPORTAMENTO DE SANTOS E REGIÃO - NAC (Brasil). **Esquiva experiencial: novidade na Terapia Comportamental**. 2008. Disponível em: <https://www.redepsi.com.br/2008/12/15/esquiva-experiencial-novidade-na-terapia-comportamental/>. Acesso em: 01 jun. 2022.

OLIVEIRA, D. R.. **Análise do Comportamento**. 2014. Disponível em:
https://www.academia.edu/7455245/Terapia_do_Luto_contribui%C3%A7%C3%B5es_e_reflex%C3%B5es_sob_a_perspectiva_da_An%C3%A1lise_do_Comportamento. Acesso em: 13 jun. 2021.

PAXBAHIA. **Terapia do luto: como superar a perda de uma pessoa querida?** 08/09/2019. Disponível em: <http://paxbahia.com.br/blog/58-terapia-do->

luto.html#:~:text=%C3%89%20o%20tratamento%20com%20ajuda,nega%C3%A7%C3%A3o%2C%20falta%20de%20esperan%C3%A7a%20etc.

RANDI, P. **As fases do luto**: uma interpretação analítico-comportamental. 2016. Disponível em: <https://comportese.com>. Acesso em: 10 mai. 2021.

RANDO, T. A. **Treatment of complicated mourning**. Research Press.1993. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/record/1993-97194-000>

SANTOS, Sheila A.; SOUSA, Ana C.A. de; GOMES, Ueliton S. **Esquiva Experiencial e Processo de Aceitação num Caso de Luto Materno**. Psicologia em Ênfase: Vo. 1, No.2, 2020. Disponível em: <http://ojs.unialfa.com.br/index.php/psicologiaemenfase/article/view/84>

SANTOS, R.C.S.; YAMAMOTO, Y. M.; CUSTÓDIO, L.M.G. **Aspectos teóricos sobre o processo de luto e a vivência do luto antecipatório**. 2017. Disponível em: <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1161.pdf>

SILVA, A.T.B. **O papel da educação na redução da criminalidade aspectos familiares**. Dez/2021. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Alessandra-Turini-Bolsoni-Silva/publication/357152820_Capitulo_8_p_80_O_papel_da_educacao_na_reducao_da_criminalidade_aspectos_familiares_-_Comunicacao_nao_violenta_dentro_da_familia_Alessandra_Turini_Bolsoni-Silva/links/61bdc681fd2cbd7200ab46e7/Capitulo-8-p-80-O-papel-da-educacao-na-reducao-da-criminalidade-aspectos-familiares-Comunicacao-nao-violenta-dentro-da-familia-Alessandra-Turini-Bolsoni-Silva.pdf

SKINNER, B. F. **Science and Human Behavior**. New York/London: Free Press/Collier MacMillan. 1953. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=2667886&pid=S1517-5545200300020000600022&lng=pt

SOARES, G.L.C. ; REIS, N.M. **A literatura e o cinema como recurso na elaboração do luto infantil**. 2021. Disponível em: <http://repositorio.faema.edu.br:8000/jspui/handle/123456789/2931>

SOUZA, Marcela Tavares de; SILVA, Michelly Dias da; CARVALHO, Rachel de. **Revisão integrativa**: o que é e como fazer. Einstein. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/eins/a/ZQTBkVJZqcWrTT34cXLjtBx/?format=pdf&lang=pt>

TEIXEIRA, Alyne Nogueira. **Expressividade emocional na elaboração do luto infantil**: Um enfoque analítico-comportamental. Disponível em: <http://newpsi.bvs-psi.org.br/tcc/AlyneTeixeira.pdf>

TEIXEIRA, Ana Flavia et al. **Análise do Comportamento Aplicada a questões da infância**. Ago/2020. Disponível em: https://www.paradigmaac.org/_files/ugd/e08ca6_8a311404006945dc9d5c6d2bd3dfe001.pdf#page=37

TORRES, N. **Luto: a dor que se perde com o tempo** (...ou na o se perde?). In M. R. Garcia, P. R. Abreu, E. N. Cillo, P. B. Faleiros, & P. Piazzon, *Sobre Comportamento e Cognição o: Terapia Comportamental e Cognitivas* (Vol. 27, pp. 385- 393). Santo Andre , SP: ESETec Editores Associados. 2010.

TSUTSUMI M.M.A; MENEZES, A.B.C. **Terapia Comportamental Infantil na relação mãe e filho ante o luto materno** - um relato de caso. *Rev. Bras. Psicoterapia*. 2017;19(3):53-62. Disponível em:
https://rbp.celg.org.br/detalhe_artigo.asp?id=236

WIELENSKA, R. C. **Sobre Comportamento e Cognição** (Vol. 23) Desafios, Soluções e Questionamentos. 2009. Disponível em:
<https://pt.scribd.com/doc/283336095/23-Wielenska-R-C-Org-2009-Sobre-Comportamento-e-Cognicao-Vol-23-Desafios-Solucoes-e-Questionamentos>

ZISOOK. S.; SHEAR, K. ***Grief and bereavement: What psychiatrists need to know.*** *World Psychiatry*, 8(2),67-74 2009 Disponível em:
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-56872016000100005